

UM EDUCADOR DE VELHOS TEMPOSA JUVENTUDE AVENTUROSA E A MATURIDADE BENEMÉRITA DEANTÔNIO FERREIRA CESARINO

Os antigos tropeiros, que furam sertões cortando o Brasil de norte a sul e embrenhando-se por zonas cheias de perigos e de permanentes riscos de vida, foram o último ramo da imensa família dos bandeirantes que riscaram, a golpes de facção e arcabuz, as linhas limítrofes do nosso país. O bandeirante, nos primórdios do século XVII penetrava o sertão bruto para prear o índio e arranjar braço para a lavoura e o trabalho nos seus povoados; depois passou a fazer as penetrações à cata do ouro e dos minérios preciosos, com os índios cativos e com homens livres, tomados pela mesma ambição. Isso durou dois séculos. Os tropeiros, que vieram depois, fizeram a penetração do interior em negócios - venda ou barganha de gado e de animais de montaria, compra e venda de toicinho, açúcar e gêneros de alimentação, tecidos, armas e utensílios caseiros. Era o comércio em espécie, coisa por coisa, entrando às vezes no preço o escravo preto, que também era coisa e representava valor monetário. Um escravo era chamado - e isso se lê em anúncios de jornais antigos - "uma peça" e, quando criança, uma "cria", tal como os animais de internada ou de curral. Nessas longas caminhadas o tropeiro era o agente civilizador do sertão, o carreador de notícias, o homem que punha em contáto a gente dura metida em longínquas paragens com a gente mais culta e civilizada das cidades. Campinas começou sua vida como pouso de tropeiros; o mesmo suce

deu com Sorocaba, sendo que esta era conhecida em todo o sul como o grande empório, o centro de encontro desses negociantes nas suas famosíssimas feiras. E os feirantes que capitaneavam réguas de mulas que vinham vendendo e trocando pelo caminho, levavam, na volta, dinheiro e gêneros e, no alforje ou na lembrança notícias da civilização, um ou outro livro, papel impresso ou papel em branco e elementos de cultura indispensáveis à futuros progressos.

O interior de Minas foi, como se sabe, cortado e devassado, em vários quadrantes, por esses pioneiros. Mais tarde começaram a refluir para S. Paulo. Esse refluxo, por outros motivos e fatores, ainda continúa: hoje são em grande parte compostas de mineiros e baianos do sertão do São Francisco e nordestinos acossados pelas secas ou seduzidos pela melhoria de vida, as levas de trabalhadores que procuram as terras do sul de São Paulo e do norte do Paraná. Esse refluxo já foi notado há muitas dezenas de anos quando se deu a penetração da zona da Noroeste de São Paulo, na qual hoje pompeiam cidades opulentas, cujos fundadores se contam entre paulistas, mineiros, nortistas e filhos dessa confusa e desordenada miscigenação da qual vai sair, mais tarde, um novo tipo humano, cujas características ninguém será capaz de prefixar, mesmo por a aproximação.

O espírito de aventura nessas travessias extensas e arriscadas dava aos meninos, filhos de tropeiros, uma ânsia de conhecer terras novas e gente de outros rincões, o que muitas vezes, explicavam o sumiço desses rapazinhos, que fugiam da casa paterna para acompanharem capatazes e tropeiros.

Um desses tropeiros que morava em Paracatú, bem ao norte de Minas, Custódio Ferreira Cesarino, fazia dessas longas caminhadas e ficava meses e anos ausente da família; nascidos os filhos, só voltava a revê-los quando já estavam crescidos. Era preto, já liberto e provavelmente teria sido levado até lá nalguma expedição de antigos bandeirantes. Em 1805 nasceu-lhe o último filho, Antônio; mas a mulher de Custódio faleceu ao dar à luz, e o infante foi entregue a uma tia para criá-lo enquanto o pai continuava em suas peregrinações. Voltou à Paracatú quando o menino tinha onze anos, portanto em situação de poder acompanhá-lo, nessa viagem. Custódio cortou a distancia de Paracatú até Campinas, mas cansado de tantas viagens em lombodeburro empregou-se na fazenda de uma das antigas proprietárias do município, d. Maria de Arruda.

Em Campinas se fixou com o filho Antônio. Este além da natural vivacidade de moleque de interior, que começara a vida realizando viagens de tantas centenas de léguas, trazia um alicerce de instrução que não era comum: sabia "ler, escrever e contar", como se dizia na linguagem de então. Tinha aprendido isso na lãngüa Paracatú, talvez com a tia Mariana, mais provavelmente nalguma escola local, e isso lhe serviria de base inicial para ulteriores estudos. O pai de Antônio Cesarino era homem ríspido e adotava, naquilo que se chamava outrora "educação de meninos", os processos brutais da palmatória e da vara de mammeio, pelas menores faltas. Já na viagem de vinda à Campinas castigara rudemente o pequeno por ter este apanhado uma indigestão, com cólicas que o forçaram várias vezes, a interromper a marcha. Em vez de um chá ou tisana, com ervas nativas que todos conheciam, aplicou no deso

lado doente uma surra. No entanto, Custódio devia ser homem de alguma instrução porque foi incumbido por sua patroa de ir à Bahia, liquidar negócios do marido que lá tinha falecido.

Mudou Antônio Cesarino com o pai para outras fazendas, entre elas a do major João Franco de Andrade e aproveitou horas vagas para alargar os estudos, entre eles o de música com o Maneco Músico (Manuel José Gomes), pai de Carlos Gomes. Com a morte do pai procurou outro ofício, que não o obrigasse a constantes e longas viagens - e passou a alfaiate e logo depois a vendeiro. Por esse tempo, com a vida solta que levava, sem o terrível freio paterno, meteu-se em troças noturnas e bandos de tafuis e seresteiros, que ocupavam o tempo e as noites em rodas de jogo com os excessos complementares que tornavam famosos esses valdevinos. Mas depois desse período estouvado e danoso para a sua saúde e o seu conceito, casou - e a vigilância da esposa e a vinda dos filhos determinaram sua inesperada e benéfica regeneração. Abriu escola e, pelo culto de sentimentos nobres que estavam afogados na má vida anterior foi ali dando acolhida a meninas de - samparadas, postas por ele nos mesmos bancos e na mesma igualha das alunas que pagavam, brancas e pretas. Nessa atividade Antônio Cesarino conquistou posição de alto conceito em Campinas porque o seu "Colégio Perseverança" abriu uma senda que logo seria seguida por trabalhos de outros homens de inteligência e de coragem que instituiriam a obra de assistência à órfãs e desamparadas logo depois realizada em ponto grande pelo Asilo, anexo à Santa Casa de Misericórdia, fundado pelo esforço apostólico do Vigarinho, Joaquim José Vieira, mais tarde do Ceará, e Arcebispo titular de Cir-

*Ciripo*

ro.

No "Colégio Perseverança" Antônio Cesarino, ao mesmo tempo em que ia instruindo gerações e gerações de alunos, ia compondo uma geração de professores que eram seus filhos e filhas: destas, a de nome Balbina, assumia funções de vice diretora - assessorava o pai, orientava as irmãs, fiscalizava o irmão Aprígio que já revelava tendências boêmias e, ao fim, quando o fundador da escola entrou em declínio, passou a substituí-lo, mantendo a casa nos mesmos rumos severos e honrados e com aquele mesmo plano filantrópico de receber e educar meninas de famílias modestas, desprovidas de recursos. O "Colégio Perseverança", foi, durante certo tempo o melhor de Campinas e precedeu, cronologicamente, outras casas de ensino particulares que também alcançaram renome - o de d. Josefina Sarmiento e o de Malaquias Ghirlanda, sem contar os grandes institutos que foram a parecendo - estes de projeção em toda a Província - que eram o "Colégio Culto à Ciência" e o "Internacional". A assistência de Antônio Cesarino era um misto educativo e paternal: as meninas pobres por ele educadas, após conclusão do curso ali continuavam ou iam procurar emprego, sem se isolarem de sua vigilância. Daquela teto austero saíram muitas delas educadas, instruídas e habilitadas com a instrução doméstica para se casarem. O velho acompanhava os namoros dessas pupilas, estudava a origem e hábitos do pretendente e, quando este era de bons costumes, concorria para o enlace - mas barrava, de uma vez, o candidato quando verificava que o sujeito era vagabundo, trocista ou viciado. Ele, que fora boêmio e tãful, frequentador de más rodas, conhecia as artes e perigos dessa manalha e sabia isolar desses

perigosos contatos as ovelhas do seu aprisco, que ele educara como filhas. A escola particular de Cesarino instalada, inicialmente, numa casa da rua do Alecrim, hoje chamada 14 de Dezembro, mudou mais tarde para outra sede. Quando eu era menino, e Antônio Cesarino já tinha morrido, funcionava o estabelecimento particular sob a direção de d. Balbina Cesarino, que, mais tarde, obteve a nomeação para uma escola pública. Ainda alcancei a algazarra da saída dos alunos dessa escola quando instalada na rua General Osório, em frente do jardim da praça Imprensa Fluminense.

Na galeria de figuras da Campinas antiga que o "Diário de Campinas" publicou em 1899, foi incluído o perfil biográfico desse benemérito professor, em artigo que Henrique de Barcelos escreveu à pedido de Antônio Sarmiento, fundador e, então, proprietário do jornal. Descreve ele o velho Cesarino, quando já andava na casa dos oitenta e sete anos - como velho alto, acostado a um bengalão, vestido de brim claro, com um chapéu de palha de abas largas, batido na nuca, fazendo a marcha pelas ruas em passos lentos, já encurvado pela idade. Tinha o rosto comprido, a calva aberta e a barba de moldura tradicional de antigos portugueses, estilo "passa-piolho", que era o estilo de barba de velhos políticos do Império, como, entre outros, o Visconde de Paranaguá, o senador Vergueiro e o nosso barão de Ramalho.

A benemerência desse preto, que educou com carinho e proficiência tanta sinhá gentil de velhas casas campineiras e deu personalidade a tantas filhas de mucamas de estimação ou meninas largadas, como enjeitadas à sua porta; a sua benemerência na obra de formação cultural e moral de tantas futuras mães de família,

remediadas ou modestas, foi reconhecida e proclamada pela Câmara Municipal de Campinas ainda em vida do desvelado educador. O gesto era raro, porque as Câmaras não facilitavam essas outorgas: titulares do Império, com larga projeção na política e na vida da Província, só conseguiram os nomes em placas de ruas e praças depois de mortos e de bem pesados e largamente reconhecidos se us serviços. No entanto, o mestre-escola humilde e pobre, molequinho de Paracatú que fôra seresteiro e trocista em maltas de notâmbulos da cidade e depois se convertera naquele admirável educador de meninos e meninas, recebeu em vida essa homenagem excepcional, que todos, em Campinas, referendaram com seus aplausos.

Foi isso em agosto de 1886, em sessão da Câmara presidida por Amador Bueno Machado Florence e na qual tomavam parte o dr. Jorge Miranda, dr. José Maria Lamanéris, Joaquim Monteiro de Carvalho de Silva e Manuel Francisco Mendes. Por indicação de Manuel F. Mendes, devidamente fundamentada, deu-se o nome de Antônio Cesarino à rua chamada, até então, da Boa Morte, que ia dar ao primitivo necrotério da Santa Casa de Misericórdia. A aprovação foi unânime, com o voto de republicanos e monarquistas. E os vereadores ausentes (Carlos Egídio de Sousa Aranha, barão Geraldo de Resende, Elisiário Ferreira de Camargo Andrade, João Bierrembach e João Proost Rodvalho, deram-lhe, mais tarde, sua aprovação.) E nos votos assim expressos acentuam os vereadores que os méritos de Antônio Cesarino eram partilhados por suas filhas Balbina e Bernardina que o secundavam valorosamente naquele magistério. Deixou ele outros filhos, entre os quais um cavaleiro andante do jornalismo Aprígio Cesarino, que redigiu jornais próprios e colaborou intensamen

te em jornais alheios, de S. Paulo, do Rio, do interior e de outros Estados. Esse era um andejo, que de tempos em tempos sentia necessidade de mudar de terra e de rodas de amigos. Em parte demonstrava a tendência paterna dos anos da juventude. Militando em vários jornais ao mesmo tempo e alcançando um emprego público na repartição do saneamento, foi dispensado em 1898, com outros companheiros, porque colaborara na "Nação", órgão do velho P. R. F., que fazia a política do general Glicério, contra os adversários do velho chefe... Um outro filho de Antônio Cesarino, que tinha o seu nome, foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios, émulo nas notas de distinção de Américo Brasiliense Antunes de Moura e Aristides Sangirardi. Mas não levou adiante o seu curso e teve vida modesta e recolhida. Mas transmitiu a inteligência e as qualidades de caráter, que eram de rigor, a um filho que enobreceu essa ascendência de educadores e representa galhardamente esses foros firmados em Campinas por seu avô: - o professor Cesarino Júnior, lente da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo.

De Aprígio voltarei a falar em outra ocasião.

São Paulo, 24.VI-1951